



# PONTO DE ENCONTRO

CHICO XAVIER  
JAIR PRESENTE

## ÍNDICE

Agitação .....	03
Ante o lado melhor .....	05
Carnaval .....	06
Conselhos .....	07
Ensinamentos da vida .....	08
Fofocagem .....	10
História de João Coco .....	12
História de João Gandola .....	15
Lembranças de Companheiro .....	19
Lição de vida .....	20
Mudança de opinião .....	23
O outro lado .....	25
Painel da terra .....	26
Petição não muito própria .....	27
Preço alto .....	29
Pregação inútil .....	31
Por enquanto não .....	33
Teoria e prática .....	35
Traíras .....	37
Porquês .....	39
Votos de irmão .....	40

## AGITAÇÃO

Nosso irmão Silva Teixeira  
Pedi-nos fraternalmente  
Dar-lhe atenção e assistência  
Na viagem que faria em visita ao pai doente.

Não vacilamos no assunto,  
Fui ao nosso diretor:  
-“Algum apoio ao amigo?  
Vai, sim!... – nos disse o mentor.”

Encontrei-me com Teixeira  
Junto à esposa Dona Alcina,  
Num ônibus que largava.  
Vencendo a chuva mofina.

A máquina em movimento  
Formava rajadas frias...  
A viagem do casal  
Seria apenas dois dias.

Às onze da noite em ponto,  
Com biscoitos a granel,  
A dupla desceu, entrando  
Em velho e pequeno hotel.

A luz se fez no aposento  
Que lhes fora reservado...  
Acomodaram-se os dois,  
Deitando-se, lado a lado.

Instantes depois, um grito  
Ressoava estranho e feio...  
Dona Alcina retirara  
Uma barata do seio.

Teixeira não descansou,  
Pois a esposa reclamava,  
Xingando a roupa do hotel,  
Em pranto se lastimava.

No outro dia, Teixeira  
Observou, tristemente,  
A morte rondando a casa  
Na face do pai doente.

À noite, foi novo trampo;  
Dona Alcina, num berreiro,  
Clamava que muitas pulgas  
Mordiam-lhe o corpo inteiro...

Gritava, humilhando o esposo:  
-“Não tens o berço que julgas,  
Esta casa em que nasceste  
É um pardieiro de pulgas...”

Manhã seguinte, o irmão Silva  
Encomendou condução,  
Voltariam para casa,  
Sem qualquer baldeação.

Chegaram ao lar, à noite;  
Dona Alcina, muito ativa,  
Falava: - “Agora estou salva!  
Agora, sim, estou viva...”

Nem pulgas e nem baratas,  
Quero somente o que é meu,  
Bendita seja esta casa,  
A casa que Deus me deu...

Meu sogro? Que Deus o cure,  
Não tomarei nova estrada,  
Desejo a paz do meu canto...  
Tranquilidade e mais nada.”

Mas passadas duas horas,  
A pobre rolou no chão,  
Seguindo para o hospital,  
Picada de escorpião!...

## ANTE O LADO MELHOR

À frente daqueles que talvez consideres por inimigos, procura fixar-lhes passes recibo às supostas agressões.

Prossegue, em paz, no caminho

Que a Sabedoria Divina te oferece a percorrer.

## CARNAVAL

Irmã, você nos consulta  
Se, acaso, existe algum mal  
Em ver por fora e por dentro  
A festa do carnaval.

Nunca esperei tal pergunta  
Nem sei dizer sim ou não,  
Porquanto, estando entre os homens,  
Quis sempre ser folião.

Ir ver a festa somente,  
Acompanhar a arrelia,  
Pode ser refazimento  
Na carência de alegria.

Carnaval? De modo algum  
Importa que você vá;  
Apenas é bom saber  
O que você quer por lá.

## CONSELHOS

Você me pede conselhos,  
Meu caro Joaquim Belém,  
Mas ainda estou mambembe,  
Não posso guiar ninguém.

A morte não é prodígio,  
É tão-só ato de lei.  
Continuo a ser Jair;  
Apenas desencarnei.

Notando a sinceridade  
Que o seu pedido traduz,  
Peçamos, nós dois, ao Céu  
Equilíbrio, paz e luz.

Fujamos da esnobação  
Que vem de cabeça oca,  
Conservemos com cuidado  
Muita cautela na boca.

Para fazer bem aos outros,  
Cultivemos ação pronta,  
Esquecendo tudo aquilo  
Que não é de nossa conta.

Eu não posso dar conselho...  
Estou criando juízo;  
Qualquer conselho que eu dê,  
Estou dando o que preciso.

## ENSINAMENTOS DA VIDA

João perdera muita terra  
Para um antigo agiota;  
Ninguém continha a expansão  
Do Coronel Mendes Mota.

João provara ser o dono  
Das terras surripiadas,  
Cem alqueires de pastagens  
Com excelentes aguadas.

Mendes Mota comprou ágil,  
Muitas dívidas de João.  
Fez cobrança, a prazo curto,  
Depois fez a execução.

Notando-se espoliado,  
O moço reclama e berra,  
Mas não teve outro recurso  
Senão entregar a terra.

Revoltado e entristecido,  
Falava contra a mentira  
E jurou matar um dia  
O homem que o perseguira.

O pai dizia-lhe: “Filho,  
Perdoe!... Nós somos cristãos,  
O terreno quando é nosso  
Volta sempre às nossas mãos.

Não tente matar ninguém...  
Escute os conselhos meus,  
Sabemos que a morte é certa,  
Mas deve chegar de Deus.”

João ouvia com desprezo  
A palavra paternal,  
No entanto ficava o mesmo  
De pensamento no mal.



Surgiram complicações.  
Junto da esposa Mariana,  
Mendes Mota recolheu-se  
A doce vida praiana.

No tato que possuía,  
Comprou formosa mansão,  
Vivia de juro altos,  
Com muito dinheiro à mão.

Depois de dezoito meses  
É que João foi procurá-lo;  
Após seis dias de busca,  
Conseguiu vê-lo, de estalo.

Mendes jantava entre amigos,  
No maior prazer do mundo,  
Bebia vinha, à vontade,  
Comendo no prato fundo.

Em seguida às saudações,  
João lhe pediu o endereço;  
Mendes com alto requinte,  
Convidou-o a visitá-lo.

Na própria manhã seguinte.  
No outro dia, muito cedo,  
João, com raiva e desconforto,  
Atingiu-lhe a casa cheia...  
Ali, velava-se um morto.  
Muito pálido, guardava  
A arma pronta e engatilhada;  
Soube, então, que Mendes Mota  
Morrera de madrugada.

## FOFOCAGEM

O Centro da Caridade  
Prosseguia eficiente.  
Muito serviço prestado,  
Atraindo muita gente.

A médium da direção  
Era Emília Sabugosa;  
Trabalhava com prazer,  
Missionária generosa.

Fosse qual fosse o problema  
De doutrina ou de família,  
Na hora do justo acerto,  
Chamava-se Dona Emília.

Certa noite, veio a médium,  
Discretamente a chorar...  
Todo o grupo fez silêncio,  
Respeitando-lhe o pesar.

Em afastado recanto,  
Amiga atenta lhe fala,  
Era Dona Conceição;  
Procurando confortá-la.

“Emília, que tem você?”  
Pergunta-lhe Conceição;  
Em pranto responde a médium:  
-“Não sei viver sem Janjão!...”

Conceição nada mais disse.  
Chocada, tomou assento;  
O esposo de Dona Emília  
Chamava-se Antônio Bento.

Quem era aquele Janjão?  
Algum amante escondido?  
Aquele choro da médium  
Não encontrava sentido...

Começou a fofocagem...  
Conceição falou com Joana,  
Joana falou com Jandira,  
Jandira com Tatiana.

Tatiana, impressionada,  
Transmitiu tudo ao marido  
E, o marido em confiança,  
Falou da ocorrência a muitos,

Mostrando-se confundido...  
O assunto estendeu-se longe,  
O clima fez-se de brasa,  
Quase todos os amigos

Abandonaram a casa.  
Com ofício ou sem ofício,  
Exigiram demissão,  
Retirou-se, compungida,

Até Dona Conceição.  
No Centro da Caridade,  
Sempre cheio e luzidio,  
Pregava-se, agora, às moscas,

No salão triste e vazio...  
Inteirando-se do caso,  
O senhor Antônio Bento,  
Convidou muitos amigos.

A fim de falar a todos  
Do estranho acontecimento.  
Noite marcada, vieram  
Adolescentes e adultos.

Muitas jovens enfeitadas,  
Senhoras e amigos cultos.  
No momento do discurso  
Para a justa explicação

A médium desapontada  
Ergue-se e mostrou Janjão;  
Era um cachorro doente,  
Seu fila de estimação.

## HISTÓRIA DE JOÃO COCO

O sitiante João Côco,  
Na Roça do Sapecado,  
Certo dia, amanheceu  
Francamente obsedado.

Ele era solteirão,  
Tão sóbrio quanto esquisito,  
Pois João acordou aos pulos  
Dando berros de cabrito.

Aquela perturbação,  
Dolorosa e repentina,  
Não aceitou tratamentos,  
Zombou da própria morfina.

Levado a um grupo de preces,  
Pelo médium, veio um Guia...  
João explicou-lhe, chorando,  
Tudo aquilo que sentia.

O protetor ouviu, calmo,  
E depois falou-lhe: - “João,  
Você ficará curado,  
Porém, sob condição!...”

“Qual é?” – perguntou, aflito,  
O pobre amigo João Coco –  
Ouço vozes que me acusam,  
Vejo monstros, vivo louco!...

O Guia expressou-se amigo  
Com palavras meditadas:  
“Todos temos inimigos  
Das existências passadas...

Já plantamos sobre a Terra  
Muita luta e sofrimento...  
Colhemos os resultados  
Nas provações do momento.

Se você quer se curar;  
 Busque novas esperanças...  
 Dê tudo quanto tiver  
 Em socorro das crianças...”

Totalmente renovado,  
 João fala, exalta, elucida;  
 As crianças sem amparo  
 Cederia a própria vida.

No grupo dos companheiros  
 Começou logo a sonhar:  
 Faria uma casa grande  
 Para os meninos sem lar.

Cinco anos se passaram,  
 Mas João Coco nada fez,  
 Se questionado a respeito,  
 Dizia apenas “talvez”...

A irmã, senhora Cecina,  
 Veio a ele interrogar:  
 “João, e a casa das crianças  
 Quando é que vai começar?”

Replicou-lhe o sitiante:  
 “Espero o auxílio do Além,  
 A obra é de capital  
 E as cousas não andam bem.”

Em resposta ao questionário  
 Do jornalista Aristeu,  
 Disse João: “a seca é grande,  
 Todo o meu gado morreu.”

Logo após, veio a pergunta  
 De Dona Clara Maria;  
 Apertado, falou João  
 Que a casa demoraria.

Relacionando o problema,  
 Confessou ao Nicolau:  
 Estou pobre e sem recursos,  
 Vivo à laranja e mingau...”

Trinta janeiros se foram...  
João Coco, em vida folgada,  
Não atendeu ninguém,  
Nem procurou fazer nada.

Mas, um dia, a obsessão  
Voltou a João e ele, aflito,  
Pulava sem direção,  
Berrando que nem cabrito.

O caso se complicou,  
O enfermo sempre tremendo  
Viu chegar outra doença  
E João acabou morrendo...

Depois de muitos estudos,  
Vieram as conclusões:  
João Coco deixou ao léu  
Setenta e cinco bilhões.

## HISTÓRIA DE JOÃO GANDOLA

Era um problema difícil  
O caso de João Gandola,  
Não desejava trabalho,  
Vivia pedindo esmola.

Diziam os moradores  
No Roçado da Carriça,  
Que João era, quando moço,  
O retrato da preguiça.

Perdera os pais muito cedo,  
E dizendo-se doente,  
Rogava de porta em porta,  
Pão guardado ou caldo quente.

Pediam-lhe bons amigos:  
- João, procura trabalhar.  
Ele apenas respondia:  
- Quando eu puder, vou pensar.

Dona, Maria das Dores,  
Amiga sincera e justa,  
Dizia-lhe: - João devemos  
Caminhar à nossa custa.

Após ouvi-la, Gandola  
Entrava na choradeira:  
- Sou pobre e ando doente,  
Sofrendo de batedeira.

De quando em quando, ia à porta  
Do médico Lino França  
E o diálogo entre os dois  
Nunca sofria mudança.

- João, você quer um prato?  
- Eu aceito, sim senhor...  
- E um copo de vinho raco?  
- Bebo, sim, quero doutor.

- Você quer a sobremesa?
- Um pouquinho para mim...
  - João, você toma café?
- Bebo sempre, tomo sim...

Depois de ligeira pausa,  
Eis o amigo a perguntar:  
- Gandola, você precisa,  
Da benção de trabalhar.

Eu pude examinar,  
Você tem o corpo são...  
Por que fugir do serviço  
Esmolando sem razão?

-

João chorava e esclarecia:  
- Muito triste é a minha sorte...  
Sou fraco, vivo doente,  
Trabalho? Prefiro a morte.

Passa o tempo e João agora  
A ninguém pede, nem chama,  
Todo esticado em lençóis,  
Nunca mais saiu da cama.

O povo na caridade  
Levava-lhe leite e pão,  
Chá, café, comida pronta  
Que às vezes queria ou não...

Um dia, corre a notícia,  
Do catre quebrado e torto,  
João descambara no chão  
E todos acreditaram  
Que Gandola estava morto.

Vendo a penúria de João,  
O amigo Antônio Gualberto  
Deu-lhe um caixão de presente,  
Mas um caixão descoberto.

O médico estava ausente.  
Quinze horas de velório.  
A ordem para a saída  
Partiu de Neca Gregório.



O cortejo ia seguindo,  
Quando um amigo da roça,  
Falou a Neca em voz baixa,  
Mesmo encostada à carroça:

- Neca, peça a aparada  
Do povo, no funeral.  
Mas, explicou-se, solene,  
Não faço isso por mal.

Aproximou-se do corpo,  
E falou, amais para ver:  
Gandola, se você vive,  
Escute o que vou lhe dizer:

O sitiante Leonardo  
Da Fazenda Fonte Limpa,  
Mandou-lhe uma doação,  
Um saco de arroz supimpa.

Ante a surpresa do povo,  
Falou João, com certo enfado:  
Primeiro, eu quero saber,  
Se esse arroz está pilado...

- Esse arroz está com casca...  
Disse Neca descontente.  
E João ainda exclamou  
Não quero! Vivo doente.

O povo estava aterrado  
Ante aquele quadro sério  
E Gandola acentuou:  
A ter de socar arroz

Quero estar no cemitério...  
Muitos amigos fugiram,  
Com grande medo de João...  
Poucos ficaram nas alças,

No transporte do caixão.  
Esses poucos colocaram  
Gandola na terra fria  
E eu que me punha de lado,

Pensando em tudo o que via,  
Fui olhar o amigo João  
Muito cedo outro dia.  
O pobre, fora do corpo,

Chorava e se maldizia,  
E eu mesmo muito espantado  
Achei João desencarnado,  
Sofrendo paralisia.

## LEMBRANÇAS DE COMPANHEIRO

Não te amarrotas por nada.  
Guarda calma a vida sã;  
Se tens queixas para hoje  
Espera por amanhã.

Muito se fala em coragem,  
Mas, passando no atoleiro,  
É que a pessoa conhece  
Quem, de fato, é cavalheiro.

Amor infeliz? Esquece  
Quem te despreza ou te escacha;  
Dinheiro, fumo e burrice  
Em qualquer parte se acha.

Uma lição de verdade  
Que muita gente não manja:  
Não há varada no galho  
Que amadureça a laranja.

Recorda esta, na vida:  
Em matéria de afogar,  
Morre mais gente no copo  
Do que nas águas do mar.

## LIÇÃO DE VIDA

Nos estudos do Evangelho,  
 Estava Joaquim Sarmento,  
 Que falava à grande turma  
 Em torno ao desprendimento.  
 “Dinheiro – dizia ele –  
 É a causa de muitas provas,  
 Somos almas devedoras  
 E quando o dinheiro é muito,  
 Fazemos dívidas novas.  
 Estamos em paz, às vezes,  
 Contentes na obrigação,  
 Mas se há, moeda de sobra,  
 Lá vem atrapalhação...  
 Conservemos nossas almas  
 Humildes e desprendidas,  
 A fortuna é mais trabalho  
 E um perigo em nossas vidas.”  
 Nisso, um telefone toca...  
 Chamado para Joaquim.  
 Ele fala, gesticula,  
 E depois do entendimento  
 Regressa para a cadeira  
 Em que se senta por fim...  
 Encerrada a reunião,  
 Anuncia, calmamente,  
 A morte do avô materno,  
 Antônio Joaquim Sarmento.  
 Mas Joaquim estava outro,  
 Tinha a cabeça aprumada,  
 Parecia até mais moço,  
 Iria para o velório,  
 Sorrindo e falando grosso.  
 Explicou aos companheiros:  
 -“A notícia está no rádio,  
 Contou-me antigo vizinho,  
 Agora, sim, vejo claro  
 A mudança em meu caminho...  
 De lutas, ando cansado,  
 A vida não é moleza,  
 Adeus, oficina velha!...  
 Renasci!... Adeus, pobreza!...  
 Meu avô deixa-me, inteira,  
 A fazenda de Pilões

E depósitos bancários  
 No valor de cem milhões!  
 Após o sétimo dia  
 De enterro do falecido,  
 Quero comprar a mansão  
 Do coronel João Garrido...  
 Tenho vizinhos gatunos,  
 Muita gente de má fé;  
 Não merecem tolerância,  
 Mas desprezo e pontapé...  
 Tenho um tio detestável,  
 Inimigo de meu lar;  
 Agora, com meu dinheiro  
 Saberá me respeitar;  
 Os colegas que me tratam  
 A coices e palavrões,  
 Agora, vão conhecer  
 Minha terra de Pilões...  
 Repreensões em trabalho,  
 Não mais quero nada disso,  
 Não mais aceito conselhos  
 Dos meus chefes de serviço...  
 Quero várias governantas,  
 Tomarei um jardineiro,  
 Terei minha indústria própria,  
 Ganharei muito dinheiro...”  
 E disse, num gesto largo:  
 -“Por qualquer um não me tomem!...  
 O homem faz o dinheiro,  
 O dinheiro faz o homem!...”  
 O grupo ficou pasmado  
 Com a mudança do orador  
 Que, antes, pregara a bondade,  
 Vida simples, paz e amor...  
 Joaquim, muito envergonhado,  
 Voltou na noite seguinte;  
 A morte do rico avô  
 Não passara de boato.  
 Falecera outro Sarmento,  
 De outro bairro e de outra gente  
 Homem rico e respeitado  
 Que tombara de repente.  
 Naquela assembléia amiga,  
 Dada ao respeito comum,  
 Ninguém lhe pediu notícias

Nem fez comentário algum.  
Quando o Guia veio às falas  
Ao fim da reunião,  
Joaquim perguntou a ele :  
-“Que desengano o que eu tive  
Que prova foi essa, irmão?”  
Mas o Guia esclareceu:  
-“Joaquim, eleva ao Senhor  
A luz do seu pensamento,  
Há muita vida esperando  
O rico vovô Sarmento.  
Na sua prosa de ontem,  
Notamos o seu progresso,  
A sua contradição  
Foi um primor de insucesso!  
Enquanto você pensar  
Na importância do dinheiro,  
Seja em papel ou metal,  
Por instrumento de dor  
Ou por agente do mal,  
Qual se você fosse louco,  
Do dinheiro necessário,  
Você terá muito pouco...”

## MUDANÇA DE OPINIÃO

Comerciante abastado,  
Era Sizino Vicente,  
Cidadão morigerado  
E filho de boa gente.

A esposa, Dona Zenite,  
Já lhe dera dois petizes;  
Os quatro eram quatros amores  
Sempre unidos e felizes.

Era Sizino homem sério  
Mas vivia de “olho vivo”;  
No entanto, era um companheiro,  
Moralista e prestativo.

Andando em compras e vendas,  
Em tudo fazia o bem,  
Mas segundo matrimônio  
Não suportava ninguém.

Se algum amigo viúvo  
Buscasse o novo regalo  
De um segundo casamento,  
Eis Sizino a espinafrá-lo:

“Em problemas de família,  
Comigo não tem talvez,  
Não tolero homem viúvo  
A se casar, outra vez.

Homem de nova união,  
A meu ver, nunca se apruma,  
Há mulheres e mulheres,  
Mulher-esposa é só uma...

Nesta matéria da vida,  
Nunca achei quem me conteste;  
De segundo matrimônio  
Não surge cousa que preste.”

No entanto, após algum tempo,  
A esposa Dona Zenite,  
Morreu quase, de repente,  
Num caso de meningite.

Novo tempo de trabalho  
Começou para Vicente;  
Estrada rude e espinhosa  
De uma vida diferente.

Era o negócio a zelar,  
Era a panela a ferver,  
Meninos choramingando,  
Gente gritando a valer;

Os erros de toda hora  
De uma empresa recruta,  
Vicente vivia tonto,  
Cansado de tanta luta.

Certo dia, olhou a casa  
De uma senhora vizinha,  
Cuja filha, bela jovem,  
Tinha o nome de Quinquinha...

Vicente não vacilou  
Na decisão de um momento,  
Foi falar à linda moça  
E pedi-la em casamento.

Após o ajuste bem feito,  
Notando-lhe o novo passo,  
Velho amigo veio vê-lo  
A fim de dar-lhe um abraço.

O amigo disse : “Vicente,  
Você mudou, desde quando?”  
Ele apenas respondeu:  
- “Eu, agora, só casando...”



## O OUTRO LADO

Na terra, se via um quadro  
Do suplício de Jesus,  
Perguntava o que haveria  
No outro lado da cruz.

Lado avesso? O que seria?  
O esconderijo de alguém?  
Alguma espada a esperar  
O Mestre do Eterno Bem?

Passei no mundo guardando  
Na ocupação mais travessa,  
Essa estranha inquisição  
Que me agitava a cabeça.

Perdi o corpo na morte...  
Nova estrada, novo abrigo,  
E a pergunta sem resposta  
Ficou vibrando comigo.

Um dia, ouvindo um mentor  
Em generosa lição,  
Transmiti-lhe, de repente,  
Minha antiga indagação.

Ele medisse : “Jair,  
Refleta, busque pensar...  
O outro lado das cruz  
É o nosso próprio lugar.”

E acentuou: “quem quiser  
Sair do plano comum,  
Sofrer e servir com o Cristo  
É o ponto de cada um.”

## PAINEL DA TERRA

A sua pergunta é clara,  
Meu caro Altino Segundo:  
De que modo sinto aqui  
Os sofrimentos do mundo?

Recorde você: a morte  
Nenhum prodígio me traz,  
Desencarnado me vejo  
O mesmo pobre rapaz.

Sondo a imensa luta humana...  
Será ela a dor dos povos,  
No parto longo e difícil  
Dos sonhados tempos novos?

Em toda parte, é a pressão  
Da chamada “guerra fria”  
E a violência lembrando  
Treva densa que se amplia...

Adultos desesperados,  
Delinqüência juvenil  
E o tóxico caminhando  
De forma oculta e sutil.

As mortes por acidentes  
Sejam na terra ou no Ar.  
Pelos irmãos que nos chegam  
Ninguém consegue contar.

Anoto as calamidades:  
Terremotos e vulcões,  
Ciclones e tempestades,  
Abortos e provações.

A dor é a justa resposta  
Do que já se fez de mal  
E os problemas nos atinge  
Na Vida Espiritual.

Você não queira “morrer”  
Na idéia de descansar,  
Serviço aqui onde estamos  
É pedreira de amargar.

## PETIÇÃO NÃO MUITO PRÓPRIA

Dos companheiros de grupo,  
Era ele o pedinchão,  
Solteiro, aos trinta, seu nome:  
Benedito Salomão.

Quando chegava o momento  
Do Guia comunicar-se  
Ei-lo a rogar, compungido,  
Sem reserva e sem disfarce:

- “Irmão Pinheiro, recorda  
Os assuntos de meu caso,  
O meu problema difícil  
Vem sofrendo grande atraso...”

O guia escutava, atento,  
Ao modo de homem antigo...  
Depois, falava, sereno:  
- “Muita calma, meu amigo!...”

No entanto, em sessão seguinte,  
Eis Salomão no clamor:  
- Irmão Pinheiro, relembra!...  
Ampara-me, por favor.”

O Guia fitava as mãos  
E os pobres de olhar aflito,  
Em seguida, replicava:  
- “Mais calma, Irmão Benedito...”

Pinheiro era servidor  
Da tarefa semanal;  
E Salomão prosseguia:  
- “Irmão, estou muito mal...”

O Guia explicava a todos  
Que a provação quando vem,  
É socorro antecipado  
Para o nosso próprio bem!

Entretanto, Benedito  
Em gemidos, sempre iguais,  
Clamava: - “Pinheiro amigo,  
Tem dó! Não agüento mais!...

Em uma sessão tranqüila,  
Revelou-se o Irmão Pinheiro:  
- “Bendito, eu fui na Terra  
Pequenino sapateiro...

Agora, estou aprendendo  
Sobre o socorro e doença.  
Não tenho a telepatia,  
Não percebo o que se pensa...

O que sofres, assim tanto?  
Enfermidade, tristeza?  
Há professores no Além,  
Amparando a natureza...”

Mas Salomão respondeu:  
- “Eu não tenho um mal qualquer!...  
Quero a cura de meu corpo,  
Não sei passar sem mulher...”

## PREÇO ALTO

O Coronel Arquimino,  
Abastado fazendeiro,  
Dispunha de muitas glebas,  
De dinheiro e mais dinheiro.

Era, porém, avarento  
Em tão extensa medida,  
Que conservava em sacolas  
Qualquer resto de comida.

Fizera-se conhecido  
Por homem mau e seguro,  
Sempre citado no povo  
Por “Arquimino Pão Duro”.

Quatro fazendas no campo,  
Bela mansão na cidade,  
Detestava dar esmolas,  
Criticava a caridade.

Certo dia, na varanda,  
Alegrava-se entre amigos,  
Dizendo quanto odiava  
Os pedinchões e os mendigos.

Nisso, estaca junto à escada  
Que dava acesso à varanda,  
O aleijado Joaquim Bola,  
Que se arrasta e diz que anda...

- “Seu” Coronel Arquimino  
Falou Joaquim com respeito:  
- Peço ao senhor algum pão,  
Minha fome não tem jeito...

Já procurei na cidade  
As casas, uma por uma,  
Rogando auxílio e socorro,  
Não achei comida alguma...

Arquimino, enraivecido,  
De cima, disse a Joaquim:  
- Saia já de minha porta  
Ou eu mesmo lhe do fim.

Você se faz de aleijado  
Pedindo dinheiro e pão,  
No entanto, você não passa  
De vagabundo e ladrão.

- Ah! Coronel, não me afronte,  
Clamou o pobre Joaquim  
- Não minto... sou aleijado,  
Desde o berço, eu sou assim...

- Você inda me responde?  
- Gritou o dono da casa  
- Meu pontapé dá lições...  
Você vai ver minha brasa.

Em fúria, espantando a todos  
Passou a descer a escada,  
Mas logo, ao segundo lance,  
Caiu, de perna quebrada.

Abeiraram-se os amigos...  
As cenas ficaram feias;  
Toda a perna estava em sangue,  
No rompimento de veias.

Carregado, em altos gritos,  
Foi levado a um hospital,  
Sofreu longa operação  
E anestesia geral.

Foi assim que o Coronel  
Que negou alguns tostões,  
Sarou e voltou à casa,  
Mas pagou trinta milhões.

## PREGAÇÃO INÚTIL

O pregador Adão Silva,  
Em certa reunião,  
Tratava só de virtude  
Com rigorismo e paixão.  
Enfileirava palavras  
Nas imagens nebulosas,  
Condenando o que chamava  
Por vidas pecaminosas.  
-“O sexo, meus irmãos,  
Dizia com voz segura,  
É lasca acesa do inferno  
No corpo da criatura.  
Todo cuidado é preciso,  
Mesmo em nota mais à toa,  
No contato natural  
Com toda e qualquer pessoa.  
Numa frase pequenina,  
Aparece tentação  
E com ela surge logo  
O fogo da perdição”.  
Velho amigo lhe dizia:  
-“Adão não use rigor,  
Em tudo o que você diga  
Sobre a vida e sobre o amor.  
Perdoe-me se assim lhe falo,  
Mas ouça, meu companheiro,  
Neste mundo, com frequência,  
Tenho encontrado o feitiço  
Contra o próprio feiticeiro.”  
Adão falava, pedante:  
- Meu trabalho levo a cabo,  
Hei de provar sobre a Terra  
Que o corpo é obra de Deus,  
Mas sexo é do diabo.”  
Sucedo o que apareceu  
Entre os ouvintes de Adão,  
A morena Graziela.  
Vinte anos de beleza,  
De elegância e distinção.  
Ao vê-la da vez primeira,  
O pregador assustado,  
Balançava sem controle,  
Inquieto e baratinado.

Desde esse dia, Adão Silva  
Revelou-se com mais fúria,  
Sobre o poder do pecado.  
De soslaio, via, às vezes,  
Graziela a acompanhá-lo...  
Para enxergá-la, a contento,  
Ei-lo em pequeno intervalo.  
Logo após, esbravejava  
Comentando Lúcifer,  
E dizia que a paixão Era assunto de mulher.  
Destacava exortações  
Com sadismo estranho e cru,  
Afirmando que os encantos  
Que nasciam da mulher  
Provinham de Belzebu.  
Por fim, gritava orgulhoso  
Que não tinha verbo errôneo,  
Que ele clamava por Deus  
Para afastar o demônio.  
Um dia, porém, chegou  
Em que o choque aconteceu,  
O pregador rigoroso  
Nem de longe apareceu...  
A assembléia surpreendida  
Procurou por Graziela...  
Nesse instante, é que soube  
Que, no trem da madrugada,  
Adão fugira com ela.



## POR ENQUANTO NÃO

Trouxe-me o ano passado  
A última e linda prova:  
Pois completei dez janeiros  
À luz da existência nova.  
Sou enfermeiro de jovens,  
Que foram “pinta travessa”,  
Com muita preocupação  
E muita dor-de-cabeça.  
Surgiram, porém, amigos  
Com bonita tentação:  
Desejavam voltar ao mundo  
Em nova reencarnação;  
E convidaram-me, atentos,  
De modo claro e gentil,  
A partilhar-lhes a empresa,  
Marcada para o “dois mil”.  
Formarão equipe nobre  
De paz, amor e união,  
Doando ao progresso humano  
Mais luz e renovação.  
Não lhes dei pronta resposta,  
Deixei o assunto no ar...  
Para um pedido a mentores  
Era justo mediar.  
Não queria decisão  
Apressada ou discutida;  
Precisava ver a Terra  
Em novo padrão de vida.  
Desci pelo fio forte  
De minha grande saudade  
Para a terra generosa,  
Que é sempre “minha cidade”.  
Vaguei por ruas e praças...  
Tudo beleza seleta...  
Mas vendo a lista de preços,  
Fiquei um tanto pateta.  
Apartamento pequeno,  
Mais de cem mil no aluguel,  
Quantia de mês, contada  
Em compromisso e papel.  
Gasolina, cada litro,  
Quase quatro mil cruzeiros;  
Cafezinho, uma fortuna,

Se tivermos companheiros  
 Seis mil, o preço do arroz,  
 Preço do óleo enlatado;  
 Três mil, o preço do açúcar,  
 Que se mostre refinado.  
 O leite, sempre subindo,  
 Parecia tal “barato”  
 Que se a vaquinha soubesse,  
 Fugiria para o mato.  
 Vendo tanto carestia,  
 Concluí, pensando mais:  
 O que seria de mim?  
 Que seria de meus pais?  
 Busquei os caros amigos,  
 Falando-lhes sem alarme  
 Que, em vista da carestia,  
 Não queria reencarnar-me.  
 -“Que é isto, Jair?” – disseram.  
 “Preços mudam a cada hora,  
 Com tempo, tudo evolui,  
 No tempo, tudo melhora.”  
 -“Nosso grupo de trabalho  
 Completa-se com você...”  
 Falou Vitório, um amigo  
 -“Agora, fazer o quê?”  
 -“Então” – respondi tranqüilo  
 A meu amigo Vitório:  
 -“Vocês voltam para a Terra,  
 Eu fico no Purgatório.”

## TEORIA E PRÁTICA

João Cota chamou o filho,  
Conhecido por Joãozinho,  
E passou a prepará-lo  
Para as lutas do caminho.

Estava perto, na mesa,  
Uma garrafa aprumada,  
Com líquido claro e leve  
Sobre toalha bordada.

O pai falou ao rapaz:  
- “Ouça o que vou lhe dizer:  
O líquido à nossa frente  
É o veneno do prazer.

Foi garapa açucarada  
De cana que se cultiva,  
Passou por transformações  
E agora é uma “cousa viva”.

Foi muito doce, mas hoje  
E fogo na vida humana,  
Tem o nome de aguardente,  
Cachaça, pinga, umburana...

Dizem que vem de mandraca,  
É vapor de algum feitiço,  
Tomba a pessoa na rua,  
Tira o homem do serviço.

Creio que vem do demônio  
Que anda em canaviais,  
Furta a mulher do marido,  
Separa os filho dos pais...”

O pai calou-se um momento,  
Mas voltou com voz segura:  
- “Prometa, meu filho, agora,  
Não beber essa loucura.”

Joãozinho explicou-se, humilde:  
Dessa praga na garrafa  
Não quero, nem beberei...”  
Houve silêncio entre os dois,

Mas o pai de mão alçada  
Baixou-a, certa na pinga,  
E engoliu à talagada.  
O moço aflito, pergunta:

“Meu pai, o que vejo eu?  
Esse líquido é veneno  
E, acaso, o senhor bebeu?”

O velho desapontado  
Falou, de cara amarela:  
- “Sim, filho, a pinga é um veneno  
- Mas não sei passar sem ela.”

## TRAÍRAS

É uma história de ficção,  
Que atiro hoje no ar,  
Um simples caso de peixes  
E uma lição de pensar.

Traíra bastante idosa  
Nadava forte e serena,  
Fazendo-se acompanhar  
Por uma filha pequena.

A mãe-traíra dissera  
Para a traíra-menina:  
- “Filha, é preciso aprender  
As lições que a vida ensina.

Hoje, vamos rio abaixo,  
Evite lixo e barrela,  
Siga sempre junto a mim,  
No máximo de cautela.”

Depois falou da lembranças  
De queridas companheiras,  
De excursões em que dias claros,  
De flores e cachoeiras.

O passeio ia tranqüilo  
E eis que a dupla se apoquentou,  
Vendo um pedaço vermelho  
De carne sanguinolenta.

A traíra mais idosa  
Mostrou-se muito assustada,  
Pedindo, porém, a filha  
Que ficasse acomodada.

Em seguida, lhe falou:  
- “Ouça, calma e fique arisca!...  
A carne que estamos vendo  
Tem nome : chama-se isca.

Dentro dela, existe um chuço  
Que tem o nome de anzol.  
Um punha; curvo e cruel  
Que se vê, à luz do sol.

Atrás dele fica um homem  
Que o governa com mão forte,  
Espalhando em nossas águas  
Terríveis quadros da morte.

Já vi muitos companheiros  
Pelo anzol, sendo arrancados  
E há quem diga que depois  
São eles estraçalhados.

Agora, fuja, filhinha,  
Cheiro de carne extravasa...  
Seja traíra correta,  
Vivendo dentro de casa.”

Em seguida, foi à isca...  
Disse à filha : “Saiba disto:  
Esta carne em sangue é linda!...  
Sou traíra e não resisto.”

Passou a comer isca,  
Bocada por bocada,  
Mas quando caiu no anzol  
Logo, logo, foi pescada.

A filha voltou a sós,  
A recordar mãe-traíra,  
Pensando no que escutara  
E meditando o que vira.

## PORQUÊS

Releio as suas perguntas,  
Meu amigo Rivarol:  
-“Por que o Planeta é uma esfera,  
Girando em torno do Sol?  
Por que o mundo é dividido  
Em diversos continentes?  
E as raças? Como entender  
As línguas e as outras gentes?  
Porque Deus criou a cobra,  
A pulga, a mosca e o leão?  
Porque há homem doente  
Ao lado do homem são?  
Por que Deus criou a rosa  
Em meio de tanto espinho?  
O que faz a tartaruga  
Avançar devagarinho?”  
Meu prezado Rivarol,  
Eu não sei. E é uma pena...  
Embora desencarnado,  
Tenho a cabeça pequena.  
Pergunta ainda você:  
-“Por que há crentes e ateus?”  
-Mas, um amigo Rivarol,  
Quem sabe tudo é só Deus.

## VOTOS DE IRMÃO

Meu irmão, aqui te exponho,  
Sem pretensão de ensinar,  
Alguns perigos do mundo  
Que nos compete evitar.

Deus te livre das propostas  
De criatura matreira,  
De palavrão desatado,  
De pessoa alcoviteira.

De cachaça onde ela esteja,  
Seja no bar ou na festa,  
De peixe deteriorado,  
De comida que não presta;

De conversa atravessada,  
De discussão ou querela,  
De carro na contramão,  
De caminhão na banguela;

De qualquer promessa mole,  
De todo ajuste que empaca,  
De paixão pelo baralho,  
De sombras da urucubaca...

Contra os males que te aponto,  
Nunca vi qualquer vacina;  
Só vejo a prece com fé  
Na Providência Divina.